A VIDA ESPIRITUAL E A EQUANIMIDADE

**Swami Paratparananda**[**1**](#_bookmark0)

(1977)

Todas as coisas no universo estão em um estado de instabilidade, pois mudam a cada momento. Por exemplo, a semente que se semeia brota em alguns dias, se converte em uma planta que em seguida produz botões e estes se abrem como flores. Algumas horas depois as flores murcham dando lugar em alguns casos ao fruto. A lua dá voltas ao redor da terra e esta por sua vez ao redor do sol, sem parar. Tudo no universo se encontra em um vórtice de atividade. Não pode parar nem descansar por medo de ser aniquilado. No entanto a atividade eterna é um conceito impossível. Deve haver períodos de repouso seguidos pelos de atividade. Vemos isto em tudo o que está manifestado na criação. Pode ser que o período de atividade e de descanso em certos casos seja curto, uns momentos, unas horas, enquanto que em outros casos, como por exemplo com relação ao planeta terra, seja de milhões de anos. No entanto, se a natureza obedece a um esquema definitivo e se podemos chegar a uma conclusão sobre o processo cósmico observando a construção do microcosmo, então temos que admitir que deve haver períodos de repouso alternando com os de atividade no universo inteiro. As escrituras hindus apoiam esse ponto de vista. A esse respeito citamos um verso do *Rig Veda*, “O Senhor projetou o sol, a lua, e as outras coisas, como em ocasiões anteriores”. Aqui está escrito claramente que esta não foi a única vez que se manifestou um universo e que já existiram universos como esse várias vezes e existirão no futuro também. A criação é sem princípio, mas é alternadamente projeção e repouso. Depois da dissolução do universo há um período em que não há manifestação de nenhuma classe. Em seguida o Senhor volta a projetar o universo de si mesmo. Assim o processo continua sucessivamente, dizem os sábios hindus.

Pode surgir uma dúvida aqui para os que estudam os *Upanishads*, pois numa parte do *Chandóguia*, está dito, “No princípio, meu filho, o universo era apenas Existência Pura, não havia nenhuma outra coisa”. Sri Shankaracharia, comentando esse dito do Upanishad diz que “o princípio” aqui se refere ao momento antes da manifestação, não a um princípio da manifestação. Há um

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

belo conceito no *Rig Veda* que descreve esse momento assim, “Nesse momento não havia Inexistência, nem Existência, não havia nem a terra, nem o longínquo céu. O que cobria a escuridão? Quem morava ali? Onde estavam essas águas profundas? Então não existia a morte, nem a imortalidade, nem o dia, nem a noite. No entanto, Aquilo só vibrava sem movimento em Sua pristina glória. Não havia nenhuma outra coisa. Ao princípio a escuridão repousava envolvida na escuridão, indistinguível como uma massa de água.” Esta é a verdadeira descrição do Indescritível; somente pode senti-lo intimamente no coração aquele que logrou acalmar todos os desejos de sua mente. As pessoas podem propor teorias maravilhosas sobre a criação do que se vê por toda parte, mas o que está além dos sentidos e do pensamento não pode ser descrito com palavras. As pessoas que vivem em aldeias, longe das cidades, onde ainda não chegou a eletricidade, podem ter uma ideia, mesmo que sem clareza, sobre a ‘escuridão envolta na escuridão’. Podem ter observado a calma da noite escura de lua nova, a calma que inspira temor reverente no vilarejo. Imaginem quanto mais calma deve haver existido naquela ‘escuridão envolvida na escuridão’! A muitos esta descrição pode parecer uma fantasia poética. Opinarão que, na realidade, ninguém pode saber o que havia antes da manifestação do universo. Sim, isto é certo nos casos de pessoas que nunca tentaram ir além dos objetos sensórios, mas os que chegam a realizar o seu próprio Ser, o *Ātman*, como o chamam em Sânscrito, ou Deus, podem sentir algo dessa descrição. Por exemplo Sri Ramakrishna costumava dizer, “Quero descrever-lhes minha experiência no estado de *Samadhi*, mas não posso, sinto como se algo apertasse minha língua”. Em outra ocasião disse, “Tenho que baixar como dois ou três degraus do *Samadhi* antes de pronunciar o Om”. Apesar disto, os sábios tentaram dar uma indicação do Absoluto por meio dos conceitos mais próximos possíveis de suas

experiências.

Vejamos, há vários tipos de calma: há a calma antes da tormenta e também a calma da noite pesada em que o vento, como se esgotado devido a muito soprar sem parar, foi descansar em uma cova nas montanhas. Mas que enorme é a diferença entre a calma antes da projeção do universo e as outras mencionadas aqui! Na primeira há a certeza da placidez, nas outras muito temor diante da calamidade iminente. Na primeira existe a frescura que tranquiliza a alma, nas outras se sente a presença da ansiedade insuportável; em uma há paz, nas outras preocupações. A primeira é nossa verdadeira morada e só chegando ali teremos a paz que transcende toda descrição, não antes.

Se pode experimentar uma tranquilidade algo parecida à que brinda paz a alma, nas montanhas dos Himalayas. A ermita nas montanhas apresenta um contraste direto com a impetuosa e louca atividade do mundo, preso na qual o

homem se perde no mar deste mundo. Longe da multidão submergida em sua atividade sem medida, o homem em sua ermita, estabelecido na contemplação de seu próprio Ser, ou Deus, não só se retira do mundo exterior, senão que também se abstém de criar mundos de desejos em seu interior. Pode-se retirar a um lugar solitário ou a uma montanha, mas se leva internamente desejos, não irá se beneficiar em nada com a solidão. Ali também criará outro mundo. Certa vez um rei foi a um bosque e lá encontrou a um *rishi*, sábio espiritual; satisfeito pelo comportamento do rei, o sábio lhe disse: “Estou satisfeito contigo; tem boas tendências espirituais, fique aqui comigo. Isto te fará bem”. O rei lhe respondeu, “Venerado senhor, ainda tenho muitos desejos. Se fico, criarei um reino aqui mesmo.” Portanto o que se necessita é acalmar a mente, chegar a alcançar a equanimidade. Depois podemos viver em qualquer lugar. Uma coisa parecida com a calma da qual falamos pode sentir-se também no sono profundo, em que não existe nada, não se ouve nada, não se presencia nada; tudo o que se sente é felicidade imensurável. Muito mais tranquilo deve ser o estado de união com Deus, em que todos os desejos que agitam nosso ânimo descansam para sempre. Swami Vivekananda disse que toda a criação está se apressando, ainda que seja inconscientemente, para lograr esta equanimidade, este equilíbrio perturbado. Os seres humanos também o fazem, alguns de forma consciente e outros inconscientemente. Esta é a diferença entre o ser humano e os outros seres criados; o homem pode lutar, tendo plena consciência de seu objetivo, para lograr essa equanimidade. Pois o ser humano é um fenômeno maravilhoso em toda a criação, pois só ele pode rebelar-se contra a natureza e combatê-la. Ainda que tenha sido criado com um corpo frágil, sobreviveu aos ataques dos animais mais poderosos, as enfermidades e as pestes desastrosas. Domou, até certo ponto, as forças da natureza, mergulhando em seus segredos. Mas a luta contra a natureza externa forma apenas uma fração do combate. Apesar de todo o êxito que o homem teve em sua busca no mundo exterior e o domínio que logrou em suas tentativas, não se encontra em uma situação feliz. As inovações e invenções podem dar-lhe, sem dúvida, algo de prazer por algum tempo, mas isso só aumenta sua tensão nervosa, uma torrente terrível de angústia para chegar a ter mais e mais gozos. A tranquilidade não se logra mediante os prazeres dos sentidos, pelo contrário, estes produzem no homem um grande vazio, um abismo que o assusta.

No entanto, essa corrida atrás dos prazeres dos sentidos também é feita com a finalidade de alcançar aquela Felicidade Infinita e esquecer toda outra coisa, ainda que se faça equivocadamente, assim como um homem sedento em um deserto confunde a miragem como sendo um oásis e corre atrás dela. A grande maioria da humanidade considera os prazeres do mundo como o único

objetivo de sua vida. Por quê? Porque as coisas no mundo são tão tangíveis e o prazer que se sente por elas ao princípio é tão agradável, que pensa que não há outra coisa mais desejável. Um dos *Upanishads*, o *Taittiría* afirma que o prazer que o homem sente nos objetos do mundo só forma uma fração infinitesimal da Bem-aventurança de *Brahman*. O ser humano comum, não conhecendo nada melhor considera essa pequena porção como o todo e a persegue com avidez. Enganado assim repetidas vezes, ao final se dá conta de seu erro e trata de averiguar como sair da rede de tentações que esses objetos lançam sobre ele. E ainda que não exista nada que não seja Deus, aquele que discerne não vai aceitar aquilo que o faz esquecer ao Senhor, pois sabe que o que o afasta de Deus não é permanente, só tem uma existência de dois dias. Por conseguinte, se afastará desses objetos. Pois eles não podem dar-lhe a felicidade eterna. As escrituras hindus também asseveram que não existe bem-aventurança no pequeno, senão unicamente no Magno. É claro que ninguém está perdido para sempre, dizem os *Upanishads*. Um dia todos irão voltar a Aquele de onde foram projetados, mas isso pode ser que tarde milhões de anos ou milhões de vidas. As coisas inanimadas e os animais que não pensam podem esperar. Mas um ser humano, tendo a capacidade de discernir, deve conscientemente fazer esforços para reconquistar ‘o reino dos céus’, antes de partir desta terra.

Por que dizemos que lograr a equanimidade, a serenidade, é um passo rumo a Bem-aventurança eterna, mais ainda, é a própria Bem-aventurança? Como já vimos, o universo é o resultado da perturbação no equilíbrio da natureza, *Prakriti*, como a chamam os *Samkhias*, em Sânscrito. O que vemos neste universo [e nas nossas vidas]? Tudo girando e voando sem rumo, uns ao redor dos outros, competindo duramente para conseguir algumas migalhas que nem satisfazem ao gosto. Como se pode esperar que haja tranquilidade sob estas circunstâncias? Como podemos aspirar a que o caldeirão de desejos pare de ferver enquanto o fogo das paixões está vivo e ardendo? Como pode reinar a paz e a bem-aventurança em uma mente que está constantemente agitada e perturbada? Até que vejamos a Deus ou alcancemos o Absoluto, que é a morada da Bem-aventurança, não podemos pensar que as conseguimos. E a menos que tenhamos uma mente plácida e em um estado equânime, Deus não se revelará ali. Não que o Senhor seja cruel ou não nos queira, mas que nós gostamos de outras coisas, os brinquedos coloridos, e nos sentimos felizes com eles, mesmo que de vez em quando estes nos deixem no meio de um redemoinho. É razoável supor que onde exista agitação, não pode haver tranquilidade ou serenidade, por conseguinte, não pode haver a bem-aventurança que nunca muda. É por isso que todos os mestres espirituais exigem que cultivemos a virtude da equanimidade. Sri Krishna, por exemplo, fala do *sthitapragña*, ou homem de

conhecimento estável, ou sabedoria imóvel. Devemos notar o adjetivo ‘estável’ ou ‘imóvel’, utilizado por Sri Krishna.

Não é um conhecimento que muda a cada momento, nem tampouco significa um conhecimento comum das coisas do mundo. Podemos ter o significado correto dessa palavra se estudamos a descrição do ‘homem de conhecimento estável’ dada no *Bhagavad Gita*[*2*](#_bookmark1). Disse Sri Krishna, “Aquele que aniquila todos os desejos que se encontram em seu coração, que se sente satisfeito com o pensamento de seu próprio Ser, ou Ātman, é chamado de homem de conhecimento estável”. Cada palavra está cheia de significado. Devemos notar que é preciso aniquilar os desejos, não somente subjugá-los, pois os [desejos] subjugados podem surgir de novo e produzir danos imensos por haver sofrido a humilhação antes. Também temos que prestar atenção na palavra ‘todos’ com relação aos desejos. Não é suficiente eliminar alguns deles. Enquanto tenhamos um só desejo mundano não podemos ter a visão de Deus ou a equanimidade. Em outra parte do mesmo capítulo Sri Krishna diz, “Os objetos dos sentidos deixam de exercer sua tentação a um homem que está afastado deles, ou que pratica jejuns, no entanto ainda persiste nele o desejo de desfrutar, do gozo. Este último [o desejo de desfrutar] também desaparece quando se realiza o Supremo”. Por isso é necessário eliminar todos os desejos de nossa mente, antes de adquirir este conhecimento. A definição não termina aí, mas continua, “Satisfeito no pensamento de seu *Ātman*, ou Ser”. O que significa isso? Quer dizer que para a satisfação dessa pessoa, não se requer nada do exterior, nem sonhos, nem imaginações sobre o prazer [dos sentidos]. Quando chega a alcançar este estado, sua mente não conhece nada senão a presença do *Ātman*, ou Ser, ou Deus, que é auto-luminoso e repleto de bem- aventurança. Só uma pessoa que logra este estado pode ser chamada de *sthitapragña*. O *Samadhi*, cume da vida espiritual, não está longe dessa pessoa. “É como o alvorecer, - disse Sri Ramakrishna – que mostra que logo o sol vai aparecer”. O *Bhagavad Gita* continua, “Aquele que não é perturbado na calamidade, desapegado da felicidade [do plano dos sentidos], livre de apego, medo e ira e ao mesmo tempo inclinado naturalmente à introversão, é chamado de homem de conhecimento estável”. Aqui vemos que Sri Krishna não deixa nenhuma dúvida sobre a verdadeira natureza daquele que possui este conhecimento, para que possamos julgar-nos bem e não nos equivocar crendo havermos chegado ao cume da vida espiritual. Os mestres espirituais tentam ser os mais explícitos possíveis, tão claros como o veículo da linguagem lhes

2 A instrução de Sri Krishna sobre este tema encontra-se em vários versos no Capítulo II, “Yoga do Conhecimento”, do Gita.

permita dar expressão a suas ideias. E para isso descem ao nosso nível de entendimento.

Talvez Sri Krishna sentiu que a posteridade poderia entender mal o que Ele havia dito e seguir um caminho equivocado. Para evitar isso explica extensamente sua ideia, mencionada no verso já citado. Porque podemos mostrar a nós mesmo como possuidores de muita coragem em uma situação difícil e ao mesmo tempo sentir trepidação em nossos corações. Ao contrário, a coragem engendrada pela verdadeira força é algo muito diferente. Vamos dar um exemplo. Certa vez, em seus primeiros dias como monge errante, se apoderou de Swami Vivekananda um forte estado de ânimo para praticar intensa austeridade e uma insatisfação espiritual terrível, como ocorre com os grandes místicos. Por conseguinte, decidiu internar-se em um bosque denso e como um *rishi*, sábio espiritual de épocas passadas, deixar cair seu corpo simplesmente pelo esgotamento e fome. Em seguida pôs a decisão em prática. Caminhou todo o dia sem provar um bocado de comida, até que chegou a noite. Estava tão fraco que não pode continuar mais e se sentou sob uma árvore, fixando sua mente no Senhor. Depois de curto tempo viu a um tigre aproximar- se dele cada vez mais. Quando já havia uma pouca distância entre eles, o tigre se sentou.

O Swami pensou, “Isto está bem, ambos estamos famintos, depois de tudo este corpo não foi o veículo para a realização absoluta e já que, possivelmente o mundo não se beneficiará por ele [seu corpo], é bom e desejável, que possa servir ao menos para esse animal faminto”. Pensando assim enquanto jazia ali onde se encontrava, tranquilo e sem mover-se, esperando que o tigre se lançasse sobre ele. Mas por um motivo ou outro, a fera se foi em outra direção. O Swami lhe esperou, crendo que poderia voltar, mas o animal não voltou. Swami Vivekananda passou toda a noite no bosque sob aquela árvore, submerso em comunhão com seu próprio Ser. Qual foi a experiência que teve que lhe inundou em seguida com uma grande força, só ele soube! Essa é a serenidade a que Sri Krishna se refere nestes versos. É engendrada pela realização da Verdade Suprema.

Em uma ocasião falando sobre a intrepidez, Swami Vivekananda citou o exemplo de um monge que costumava repetir “‘*Shivoham’* – Sou Shiva, a Eterna Bem-aventurança”! Certo dia um tigre atacou a este monge e o levou arrastado e o matou. Mas enquanto estava vivo, o que se escutava eram as palavras, “*Shivoham*, *Shivoham*!”, conclui Swami Vivekananda. Esta é a equanimidade, isto é o que se chama estar estabelecido no conhecimento, ser intrépido até nas garras da morte, estar unido com o Ser, estar satisfeito no Ser e também estar livre de todo apego. Pois, que outra coisa é tão querida e

preciosa para o homem, como seu corpo? Não é toda a luta do homem comum manter o seu corpo são e salvo? É assim. No entanto aqui vemos a uma pessoa que não pensou em seu corpo como sendo algo com mais valor que os farrapos que levava.

Sri Krishna continua com a descrição desse grande *yogui*: “Aquele que sob qualquer circunstância, não se prende a nada, mas aceita o que vem, quer seja agradável ou desagradável, sem alegrar-se pelo primeiro, nem se deprimir pelo segundo, tem o conhecimento estável”. Agrega que essa pessoa, tendo dominado os sentidos, dirige sua mente ao Senhor. Em seguida diz, “Só chega a ter a paz (a equanimidade) eterna aquele em quem todos os desejos entram sem a mínima perturbação, assim como o oceano que se mantém igual e imóvel, mesmo que as águas entrem nele por toda parte, e não aquele que deseja prazeres do mundo”. Em outra parte do *Bhagavad Gita*, este mesmo estado de equanimidade está descrito como o de *gunatita*, ou seja, o estado de alguém que transcendeu os três gunas. Como sabemos, a Natureza ou *Prakriti* tem três componentes que se chamam *gunas*. São *sattva*, *rajas* e *tamas*. Todo o universo está feito destes três *gunas*. Não existe coisa alguma que não os tenha. Todos eles atam ao homem ao mundo de distintas maneiras, mas entre os *gunas*, *sattva* é o que mais ajuda ao homem a sair da rede da ilusão, mas não o conduz até Deus. Portanto aquele que deseja chegar a Suprema Verdade tem que transcender estes três componentes da *Prakriti*. Só então atinge a equanimidade. Os que estão dispostos a lutar para conseguir as qualidades já mencionadas podem ter esperanças de lograr a visão de Deus, não os demais; pois dizem os Upanishads, “Este Ātman não é alcançado pelos débeis, nem por meio de caminhos equivocados, tampouco sem austeridade e renúncia”. Sri Shankaracharya comentando este verso observa, “As práticas que ajudam a lograr o Ātman são a força engendrada pela dedicação a Ele, austeridade e renúncia e não cair na ilusão. Cair na ilusão significa buscar a felicidade nos prazeres, tendo filhos, posses e riquezas”. O *Upanishad* agrega que só seguindo essas práticas se pode entrar na morada de *Brahman*, ou seja, unir-se com Deus,

que é a Existência, Consciência e Bem-aventurança absoluta.

Em outro *Upanishad*, o *Brihadáraniaka*, encontramos um diálogo entre um sábio espiritual e sua esposa, Yágñavalkia e Maitreyi, que explica com clareza como são inúteis os objetos e riquezas do mundo para a obtenção da graça de Deus. Yágñavalkia desejando retirar-se a um bosque abandonando ao mundo, com a finalidade de dedicar-se totalmente a Deus comunicou sua decisão a suas duas esposas. Também lhes disse que dividiria seus bens entre elas. Maitreyi, que era a mais inteligente, lhe perguntou, “Senhor, eu posso lograr a imortalidade se chego a possuir toda a riqueza que existe na terra?” Yágñavalkia

lhe respondeu, “Não, não há esperança de atingir a imortalidade por meio da riqueza, mas podes viver confortavelmente no mundo”. Respondeu a esposa, “De que me servem as coisas que não me ajudam a conseguir a imortalidade? Por favor, ensina-me sobre o que me trará aquele estado bem-aventurado.” Este é o desapego verdadeiro, nascido do discernimento.

Este desapego, estar livre dos desejos, do qual o *Bhagavad Gita* fala, não é passageiro, mas permanente. As vezes se consegue um tipo de equanimidade depois de alcançar um objetivo mundano ou o cumprimento de alguns desejos, mas no momento seguinte se desvanece. Entram em sua mente outras ambições, outros desejos e perturbam a serenidade que havia logrado. Mas é diferente a equanimidade da pessoa que chega a estabelecer-se no conhecimento imutável. Pode surgir uma dúvida aqui, “Quando todo o universo muda e é variável, como pode ser estável e permanente somente este estado?” Sim, mas há outras coisas que não podem mudar, por exemplo as sementes cozidas. Mesmo que as semeie e regue, não vão germinar. Do mesmo modo, quando todos os desejos, que são como sementes de nosso enredo neste mundo, estejam queimados no fogo do conhecimento ou dirigidos totalmente a Deus, não podem germinar, dar lugar a novos nascimentos e mortes; tampouco podem tentar ao homem a que caia na armadilha da ilusão. Sri Ramakrishna faz a analogia dos dois ímãs. Diz, “Suponhamos que haja dois ímãs, um grande e outro pequeno. Qual deles atrairá o ferro? Claro que o ímã grande. Deus é o ímã grande, comparado com Ele as coisas do mundo são o Ímã pequeno.” Se isto é assim, por que Ele não atrai a todos? Porque Ele não quer que o Jogo do Universo termine tão rápido. Mas acaba para aqueles que se cansam do jogo e não se deleitam mais com ele. Deus, como uma bondosa mãe não perturba as crianças que estão entretidas com os brinquedos coloridos, que são as coisas do mundo. Mas corre para aqueles que choram e se impacientam por Ele e não querem nenhuma outra coisa. Entreter-se com os objetos sensórios é como estar fora do campo de atração do grande ímã. E como quando o ferro está fora do campo de atração do ímã, não é atraído por este, do mesmo modo quando as pessoas se sentem felizes com os objetos do mundo, seu coração não responde a atração de Deus.

Nos referimos no início dessa conversa, ao estado em que se encontrava a Existência antes da projeção deste universo. Como puderam saber disso, estes *rishis* que o descrevem? Por meio de sua realização chegaram a saber que o que existia antes da criação deve ser também o que haverá após a dissolução e como no *Samadhi* que dissolve tudo, o que fica, não pode ser descrito. A mente da pessoa em *Samadhi* está na condição do barco que entra nas ‘águas escuras do mar’. O barco não volta e por isso não pode dar notícias sobre a região. Da mesma maneira, a mente da pessoa que se une com o absoluto não volta para contar-nos o que vê ou percebe ali. E até os que baixam desse estado de *Samadhi* não podem descrever o que experimentaram nele. No entanto não é um estado do qual se deva assustar-

se, ao contrário, é o estado logrando o qual se eliminam todas as dúvidas, todos os nós do coração e todos os resultados das ações, tanto desta vida como das anteriores.

O que ocorre se uma pessoa chega a ter esta classe de conhecimento? Sri Krishna disse que esta pessoa se estabelece em Brahman; como consequência percebe com equanimidade a um *Brahmin* dotado de sabedoria e humildade, a uma vaca, a um elefante, a um cachorro e até mesmo a quem come carne de cachorro. Para essa pessoa todos são iguais, já que vê ao Absoluto, ou ao seu próprio Ser manifesto em todos eles. Dessa pessoa desaparecem o apego, o ódio, a ira, a cobiça e outras paixões. Sempre se sente satisfeita com o que lhe vem, seja bom ou mal, sem ser agitada pelas mudanças e transtornos da vida.

Agora vem a pergunta: Como podemos lograr este estado? Pela prática, como ocorre em qualquer carreira, profissão ou arte. Swami Vivekananda certa vez observou, “Vocês podem escutar-me durante horas, mas se não o praticam, não vão avançar nem um passo”. Este é um fato que todos conhecem por sua própria experiência. Não somente devemos praticar o que nos leva à meta, como também devemos prestar atenção aos meios empregados para lográ-la. Estes devem ser tão puros como a meta. “Não podes lograr o Infinito, por meio das coisas finitas”, disse o *Kathopanishad*. Da mesma maneira, não se pode atingir um estado nobre seguindo caminhos duvidosos.

A equanimidade é um estado muito elevado. Por conseguinte, todas as qualidades que se manifestam espontaneamente em uma pessoa que logrou esse estado devem ser cultivadas com diligência como meios para alcançar a equanimidade. Pode-se lograr esse estado também pelo caminho da devoção [*bhakti*], pois encontramos no *Bhagavad Gita* a descrição idêntica de um devoto que ama a Deus com todo coração e a de um ser estabelecido no conhecimento [*jnāna*]. Em poucas palavras, o método consiste em submeter o ego à vontade do Senhor e amar a Deus com exclusão de todas as outras coisas do mundo, fazendo- O o único objetivo da vida. Os que querem trilhar o caminho do conhecimento, devem discernir entre o Real e o irreal e aferrar-se ao Real com todas as suas forças, sem olhar ou fixar-se com que acontece com os objetos que são irreais ou transitórios. Se podemos ter tenacidade e perseverança então, um dia esse estado de equanimidade, que nos outorgará a Paz Eterna e a união com Deus, será nosso.

Que o Senhor nos guie e nos conduza à meta e nos dê a força necessária

para alcançá-la!

       

Este texto foi traduzido do original em espanhol por um estudante da Vedanta.